ISSN: 2358-8829

Análise das diferenças na intenção empreendedora e na percepção de trabalhabilidade entre cursos do ensino superior: uma abordagem com testes não paramétricos

Katia Cristina Cota Mantovani [1] Ana Teresa Colenci Trevelin [2] Marcos de Carvalho Dias [3] Fernanda Mello Demai[4]

RESUMO

As transformações recentes no mundo do trabalho têm ampliado a importância de competências relacionadas à autonomia, adaptação, inovação e construção de trajetórias profissionais, aproximando as discussões sobre intenção empreendedora e trabalhabilidade no ensino superior tecnológico. Este estudo teve como objetivo investigar diferenças entre cursos quanto a variáveis associadas ao empreendedorismo, às características comportamentais, ao contexto educacional e à inserção profissional dos estudantes. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender se diferentes áreas de formação apresentam perfis distintos, contribuindo para o aperfeiçoamento de práticas curriculares e educacionais. Trata-se de pesquisa aplicada, quantitativa, descritiva e exploratória, realizada por levantamento do tipo *survey*, com questionário estruturado e itens em escala Likert. A amostra, não probabilística por conveniência, foi composta por 1.866 estudantes. Para a análise, empregaram-se os testes não paramétricos de Kruskal-Wallis e, nos casos significativos, de Dunn com correção de Bonferroni. Os resultados mostraram diferenças estatisticamente significativas apenas em parte das variáveis, especialmente em autoeficácia empreendedora, autoconfiança, reconhecimento de oportunidades, intenção empreendedora, capacidade de adaptação, inovação, liderança, pensamento crítico, redes de relacionamento e percepção de inserção profissional. Conclui-se que a área de formação está associada a diferentes percepções de empreendedorismo e trabalhabilidade.

Palavras-chave: empreendedorismo; trabalhabilidade; intenção empreendedora; ensino superior tecnológico; análise não paramétrica.

[1] Professora da Fatec Guaratinguetá, kmantovani2024@gmail.com;
[2] Professora da Fatec São Carlos, atcol@yahoo.com.br;;
[3] Professor da Fatec Americana, marcos.dias@cps.sp.gov.br; [4] Centro Paula Souza fernanda.demai@gmail.com

ISSN: 2358-8829

1 INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas têm ampliado as exigências relacionadas à capacidade dos indivíduos de construir e sustentar trajetórias profissionais em ambientes caracterizados por mudanças tecnológicas, novas formas de organização do trabalho e crescente necessidade de adaptação (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Van der Heijde; Van der Heijden, 2006). Nesse contexto, a formação superior assume papel relevante não apenas na aquisição de conhecimentos técnicos, mas também no desenvolvimento de competências que favoreçam a autonomia, a identificação de oportunidades, a inovação e a capacidade de inserção e permanência no mercado de trabalho (Van der Heijde; Van der Heijden, 2006).

Entre essas competências, destacam-se aquelas relacionadas ao comportamento empreendedor. O empreendedorismo, quando analisado no contexto educacional, ultrapassa a perspectiva restrita à criação de novos negócios e passa a envolver atitudes e capacidades como iniciativa, criatividade, reconhecimento de oportunidades, resolução de problemas, liderança, inovação, autoconfiança e disposição para agir diante de situações de incerteza (Shane; Venkataraman, 2000). Dessa forma, a educação superior pode contribuir para a formação de indivíduos capazes de assumir uma postura mais ativa em relação à própria trajetória profissional.

A intenção empreendedora constitui uma das dimensões relevantes para a compreensão desse fenômeno. Ela representa a predisposição consciente do indivíduo para desenvolver determinado comportamento empreendedor e tem sido utilizada em diferentes estudos como antecedente da ação empreendedora (Ajzen, 1991; Liñán; Chen, 2009). No ambiente universitário, sua análise permite compreender em que medida características individuais, experiências educacionais e condições contextuais podem contribuir para que os estudantes considerem o empreendedorismo como possibilidade profissional (Liñán; Chen, 2009; Zhao; Seibert; Hills, 2005).

Paralelamente, as mudanças nas relações de trabalho têm fortalecido a discussão sobre a trabalhabilidade. Diferentemente de uma perspectiva centrada exclusivamente na obtenção de emprego, a trabalhabilidade envolve a capacidade do indivíduo de gerar trabalho, mobilizar competências, adaptar-se às transformações profissionais, construir redes de relacionamento e identificar diferentes possibilidades de atuação ao longo da carreira (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Van der Heijde; Van der Heijden, 2006). Essa abordagem torna-se particularmente

relevante no ensino superior tecnológico, cuja proposta formativa mantém forte articulação com as demandas do mundo do trabalho.

Embora intenção empreendedora e trabalhabilidade sejam conceitos distintos, existem importantes pontos de aproximação entre eles. Características como autoconfiança, capacidade de adaptação, inovação, reconhecimento de oportunidades, liderança, pensamento crítico e construção de redes profissionais podem contribuir tanto para comportamentos empreendedores quanto para a construção de trajetórias profissionais mais autônomas e sustentáveis (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Zhao; Seibert; Hills, 2005).

Entretanto, estudantes pertencentes a diferentes áreas de formação são submetidos a experiências curriculares, ambientes profissionais e estímulos educacionais distintos. Cursos relacionados à gestão, tecnologia, produção, serviços e outras áreas podem proporcionar diferentes níveis de exposição ao empreendedorismo, à inovação e às demandas do mercado de trabalho. Dessa forma, torna-se relevante investigar se as percepções e características relacionadas ao empreendedorismo e à trabalhabilidade apresentam diferenças entre estudantes de diferentes cursos superiores.

Diante desse contexto, estabelece-se a seguinte questão de pesquisa: existem diferenças entre estudantes de diferentes cursos do ensino superior tecnológico quanto às variáveis relacionadas à intenção empreendedora e à percepção de trabalhabilidade?

O objetivo deste estudo é investigar diferenças entre cursos do ensino superior quanto a variáveis relacionadas ao desenvolvimento das intenções empreendedoras e à trabalhabilidade dos estudantes. Especificamente, busca-se analisar dimensões associadas às percepções sobre empreendedorismo, características comportamentais, contexto educacional, inserção profissional e condições socioeconômicas.

A relevância do estudo reside na possibilidade de compreender se diferentes áreas de formação apresentam perfis distintos em relação às competências e percepções investigadas. Do ponto de vista acadêmico, o trabalho aproxima duas perspectivas relevantes: empreendedorismo e trabalhabilidade, no contexto do ensino superior tecnológico. Do ponto de vista institucional, os resultados podem subsidiar o desenvolvimento de práticas educacionais e curriculares voltadas ao fortalecimento de competências empreendedoras e profissionais dos estudantes.

2.1 Empreendedorismo e intenção empreendedora no ensino superior

O empreendedorismo tem sido estudado sob diferentes perspectivas teóricas, abrangendo desde a criação e desenvolvimento de novos negócios até a identificação de oportunidades e o

desenvolvimento de comportamentos inovadores (Shane; Venkataraman, 2000). No contexto educacional, essa abordagem adquire caráter mais amplo, uma vez que a formação empreendedora pode contribuir para o desenvolvimento de competências aplicáveis a diferentes trajetórias profissionais (Nabi *et al*., 2017).

A educação empreendedora procura estimular nos estudantes uma postura ativa diante de problemas e oportunidades. Nesse sentido, competências como criatividade, iniciativa, capacidade de decisão, liderança, inovação e tolerância à incerteza tornam-se relevantes independentemente de o indivíduo optar ou não pela criação de um empreendimento (Nabi *et al*., 2017; Bae *et al*., 2014).

Entre os conceitos utilizados para compreender o comportamento empreendedor encontra-se a intenção empreendedora. A intenção pode ser entendida como a disposição consciente para realizar determinado comportamento e, consequentemente, constitui importante antecedente da ação (Ajzen, 1991). No campo do empreendedorismo, sua análise permite identificar o grau em que um indivíduo considera a possibilidade de desenvolver atividades empreendedoras no futuro (Liñán; Chen, 2009).

No ensino superior, a intenção empreendedora pode ser influenciada por diferentes fatores. Aspectos individuais, familiares, educacionais e socioeconômicos podem contribuir para a formação das percepções dos estudantes em relação ao empreendedorismo (Liñán; Chen, 2009). Além disso, experiências proporcionadas pelos cursos, como disciplinas, projetos, atividades práticas e contato com situações reais, podem favorecer o desenvolvimento da autoconfiança e da percepção de capacidade para empreender (Nabi *et al*., 2017; Bae *et al*., 2014).

A autoeficácia apresenta especial importância nesse processo. Quando o estudante acredita possuir conhecimentos e capacidades suficientes para enfrentar determinada situação, tende a demonstrar maior disposição para assumir desafios e desenvolver comportamentos relacionados à iniciativa e ao empreendedorismo (Zhao; Seibert; Hills, 2005). Da mesma maneira, a capacidade de reconhecer oportunidades pode favorecer a percepção do empreendedorismo como alternativa profissional (Shane; Venkataraman, 2000).

Entretanto, essas características podem não se desenvolver de maneira homogênea entre diferentes cursos. Os conteúdos curriculares, as metodologias de ensino, o perfil profissional esperado e a proximidade com determinados setores econômicos podem produzir experiências educacionais distintas (Bae *et al*., 2014; Nabi *et al*., 2017). Dessa forma, comparar estudantes de diferentes áreas pode contribuir para identificar características específicas associadas às respectivas formações.

2.2 Trabalhabilidade e inserção profissional

As mudanças observadas no mercado de trabalho têm provocado uma revisão das concepções tradicionais de carreira e emprego. A estabilidade baseada exclusivamente na permanência em uma organização tem sido progressivamente substituída pela necessidade de desenvolver competências capazes de favorecer diferentes formas de inserção profissional (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Van der Heijde; Van der Heijden, 2006).

Nesse cenário, o conceito de trabalhabilidade amplia a discussão sobre a preparação para o mundo do trabalho. Mais do que conquistar um emprego, torna-se importante possuir condições para gerar possibilidades de atuação profissional, adaptar-se às mudanças e mobilizar conhecimentos e competências em diferentes contextos (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Van der Heijde; Van der Heijden, 2006).

A trabalhabilidade envolve, portanto, uma postura ativa do indivíduo na construção de sua trajetória. Capacidade de adaptação, aprendizagem contínua, pensamento crítico, inovação, autonomia e estabelecimento de redes de relacionamento constituem elementos importantes para enfrentar ambientes profissionais dinâmicos (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004).

No contexto do ensino superior tecnológico, essa discussão assume especial relevância em razão da aproximação existente entre formação acadêmica e necessidades do setor produtivo. Espera-se que a formação tecnológica proporcione conhecimentos específicos relacionados às respectivas áreas profissionais, mas também desenvolva competências que permitam aos estudantes acompanhar transformações tecnológicas e organizacionais (Brasil, 2021).

A percepção dos estudantes sobre sua inserção profissional também pode constituir um indicador importante da relação entre formação e trabalhabilidade. A maneira como o indivíduo avalia suas oportunidades de atuação, as dificuldades financeiras enfrentadas e a contribuição do curso para sua formação pode influenciar suas expectativas e decisões profissionais (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Van der Heijde; Van der Heijden, 2006).

2.3 Relações entre empreendedorismo e trabalhabilidade

Empreendedorismo e trabalhabilidade apresentam interfaces importantes. Embora o primeiro seja frequentemente associado à identificação e exploração de oportunidades e o segundo à capacidade de construir possibilidades de atuação profissional, ambos dependem de competências individuais e contextuais que favorecem autonomia e adaptação (Shane; Venkataraman, 2000; Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004).

A capacidade de reconhecer oportunidades, por exemplo, pode contribuir tanto para a identificação de possibilidades de novos negócios quanto para a percepção de novas alternativas

profissionais (Shane; Venkataraman, 2000). Da mesma maneira, a autoconfiança e a percepção de autoeficácia podem favorecer a decisão de empreender e, simultaneamente, ampliar a disposição do indivíduo para enfrentar desafios e mudanças em sua trajetória profissional (Zhao; Seibert; Hills, 2005; Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004).

Outras competências, como inovação, liderança, capacidade de adaptação, pensamento crítico e construção de redes de relacionamento, apresentam caráter transversal. Essas características podem ser relevantes para indivíduos que pretendem criar seus próprios empreendimentos, atuar de maneira intraempreendedora em organizações existentes ou desenvolver trajetórias profissionais flexíveis (Fugate; Kinicki; Ashforth, 2004; Van der Heijde; Van der Heijden, 2006).

A aproximação entre essas duas perspectivas permite considerar a formação superior como espaço para o desenvolvimento de competências que extrapolam a preparação para ocupações específicas (Nabi *et al*., 2017). Nesse sentido, investigar diferenças entre cursos pode contribuir para compreender em que medida diferentes contextos formativos estão associados à percepção dos estudantes sobre suas capacidades empreendedoras e profissionais.

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se, quanto à natureza, como aplicada, uma vez que busca produzir conhecimentos capazes de contribuir para a compreensão de aspectos relacionados à formação e ao desenvolvimento profissional dos estudantes. Quanto à abordagem, trata-se de pesquisa quantitativa. Em relação aos objetivos, apresenta caráter descritivo e exploratório, enquanto, quanto aos procedimentos técnicos, caracteriza-se como levantamento do tipo *survey*.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado composto por itens destinados a avaliar diferentes dimensões relacionadas ao empreendedorismo, características comportamentais, contexto educacional, inserção profissional e condições socioeconômicas dos participantes. As variáveis foram operacionalizadas predominantemente por meio de escalas do tipo *Likert*.

A amostragem utilizada foi não probabilística por conveniência, com participação voluntária dos estudantes. Após o tratamento inicial da base de dados, foram excluídos da análise comparativa os cursos que apresentavam número de respondentes menor ou igual a dez, com o objetivo de proporcionar maior consistência às comparações realizadas.

A amostra final foi composta por 1.866 estudantes do ensino superior tecnológico, distribuídos entre diferentes cursos.

Considerando a natureza ordinal das variáveis investigadas e as características da

distribuição dos dados, optou-se pela utilização de procedimentos estatísticos não paramétricos.

Inicialmente, foi aplicado o teste de Kruskal-Wallis, utilizado para verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os cursos. O teste permite comparar três ou mais grupos independentes sem pressupor normalidade da distribuição das variáveis (Kruskal; Wallis, 1952).

Nos casos em que o teste de Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa, foi realizado o teste post hoc de Dunn, possibilitando identificar entre quais pares de cursos estavam localizadas as diferenças. Para reduzir a possibilidade de erro decorrente da realização de múltiplas comparações, foi utilizada a correção de Bonferroni (Dunn, 1964).

Adicionalmente, foram empregados gráficos de barras empilhadas para representar a distribuição percentual das respostas entre os grupos, possibilitando complementar a análise inferencial com uma visualização do comportamento das variáveis investigadas.

4.1 RESULTADOS

Com o objetivo de investigar possíveis diferenças entre os cursos quanto às variáveis analisadas, foram empregados procedimentos estatísticos não paramétricos, adequados à natureza ordinal dos dados provenientes de escalas do tipo Likert. Inicialmente, aplicou-se o teste de Kruskal–Wallis, com a finalidade de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (cursos).

Nos casos em que foram identificadas diferenças globais significativas, procedeu-se à realização do teste de Dunn com correção de Bonferroni, permitindo a identificação das comparações par a par responsáveis por tais diferenças. Esse procedimento possibilita uma análise mais detalhada das relações entre os cursos, controlando o erro do tipo I decorrente de múltiplas comparações.

Foram elaborados gráficos de barras empilhadas, representando a distribuição percentual das respostas em cada nível da escala *Likert* para os diferentes cursos. Esses gráficos complementam a análise estatística ao fornecer uma visualização clara e comparativa dos padrões de concordância, facilitando a interpretação dos resultados.

Dessa forma, a combinação entre análise inferencial e representação gráfica contribui para uma compreensão mais robusta e abrangente das diferenças existentes entre os cursos, assegurando rigor metodológico e consistência na interpretação dos resultados.

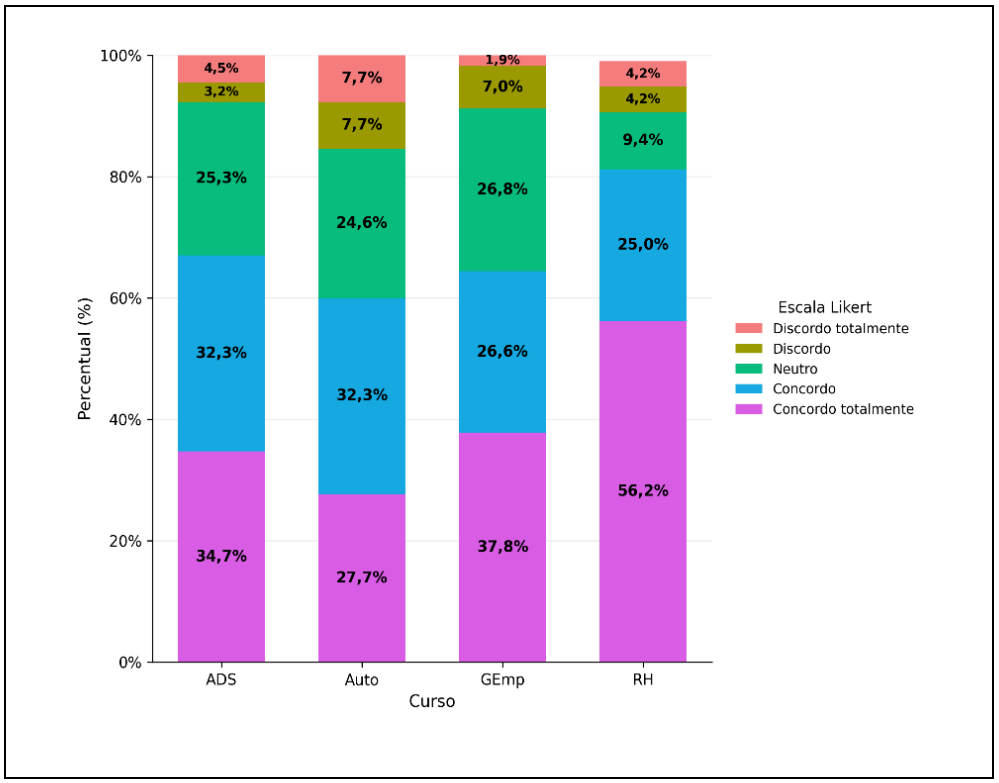

Figura 1: Dificuldade percebida para criação de empresas em função da ausência de apoio financeiro

Fonte: Autoria própria

Tabela 1: Comparação quanto aos cursos das dificuldades percebidas para a criação de empresas

Comparação	Z	p_valor_ajustado
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Gestão de Recursos Humanos'	-4,052	0,004
'Automação Industrial' - 'Gestão de Recursos Humanos'	-3,749	0,014
'Gestão Empresarial' - 'Gestão de Recursos Humanos'	-3,468	0,041

Observa-se que os estudantes do curso de Gestão de Recursos Humanos apresentam escores significativamente mais elevados na percepção de dificuldade em empreender devido à falta de apoio financeiro, quando comparados aos cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Automação Industrial e Gestão Empresarial. Tal resultado é corroborado pela análise gráfica, que evidencia maior concentração de respostas nas categorias superiores da escala *Likert* entre os discentes de Gestão de Recursos Humanos.

Como os valores de Z foram negativos, percebe-se que os outros cursos têm escores menores e Gestão de Recursos Humanos tem escores maiores

A seguir é apresentado o gráfico da variável: Você está preparado para começar um novo negócio?

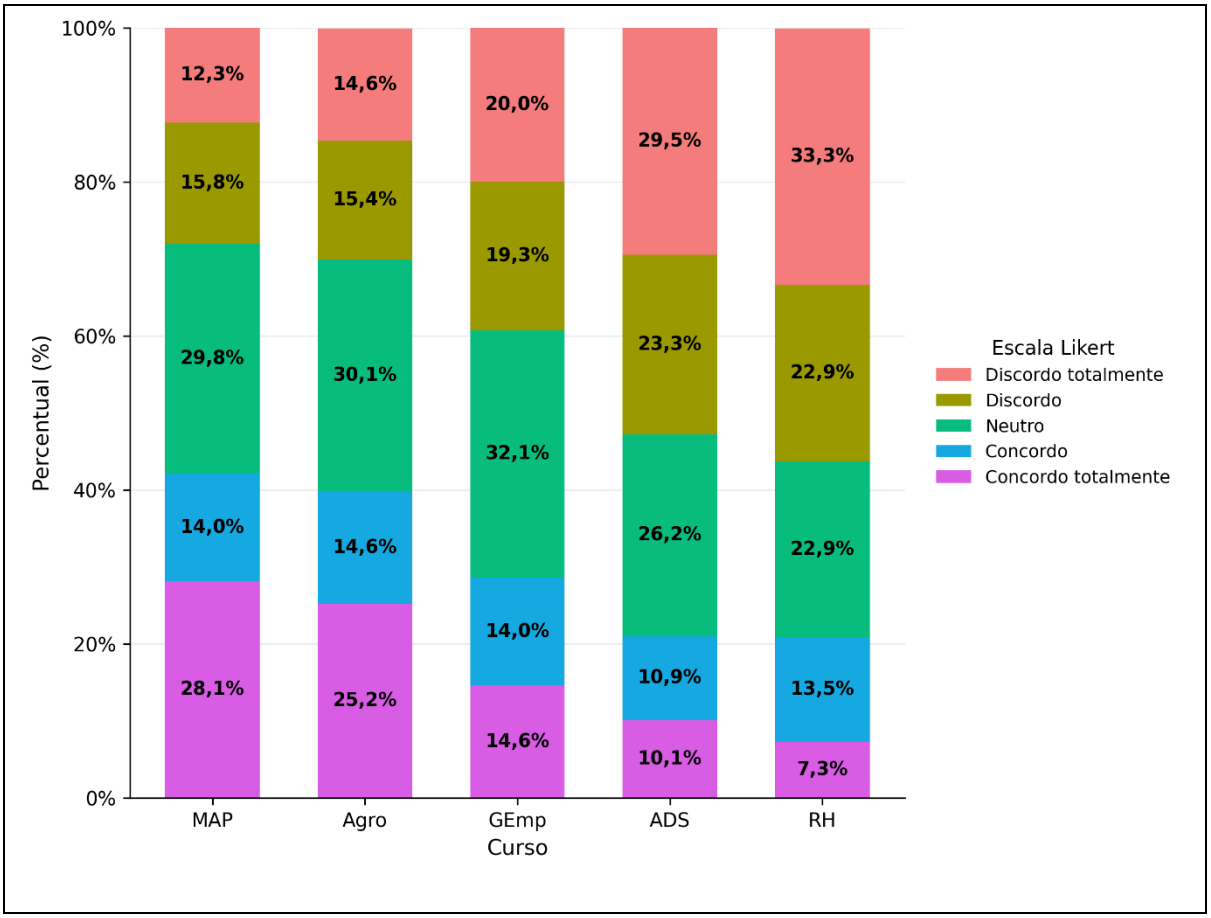

Figura2:: Variável: Você está preparado para começar um novo negócio?
Fonte: Autoria própria

Tabela 2: Valores de p-valor do teste de Dunn realizado entre os cursos

Comparação entre cursos	Z	p-valor
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Gestao Empresarial'	-4,428	0,001
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Mecanizacao de Agricultura de Precisao'	-4,294	0,001
'Gestao de Recursos Humanos' - 'Mecanizacao de Agricultura de Precisao'	-4,113	0,003
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - Agronegocio	-5,386	<0,001

Observa-se que os estudantes do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) apresentam níveis significativamente mais baixos de percepção de preparo para iniciar um novo negócio quando comparados aos cursos de Gestão Empresarial (GEMP), Agronegócio (AGRO) e Mecanização de Agricultura de Precisão (MAP).

O próximo gráfico apresenta os resultados da concordância e discordância da variável: 'Eu me vejo como alguém confiante e autodisciplinado'

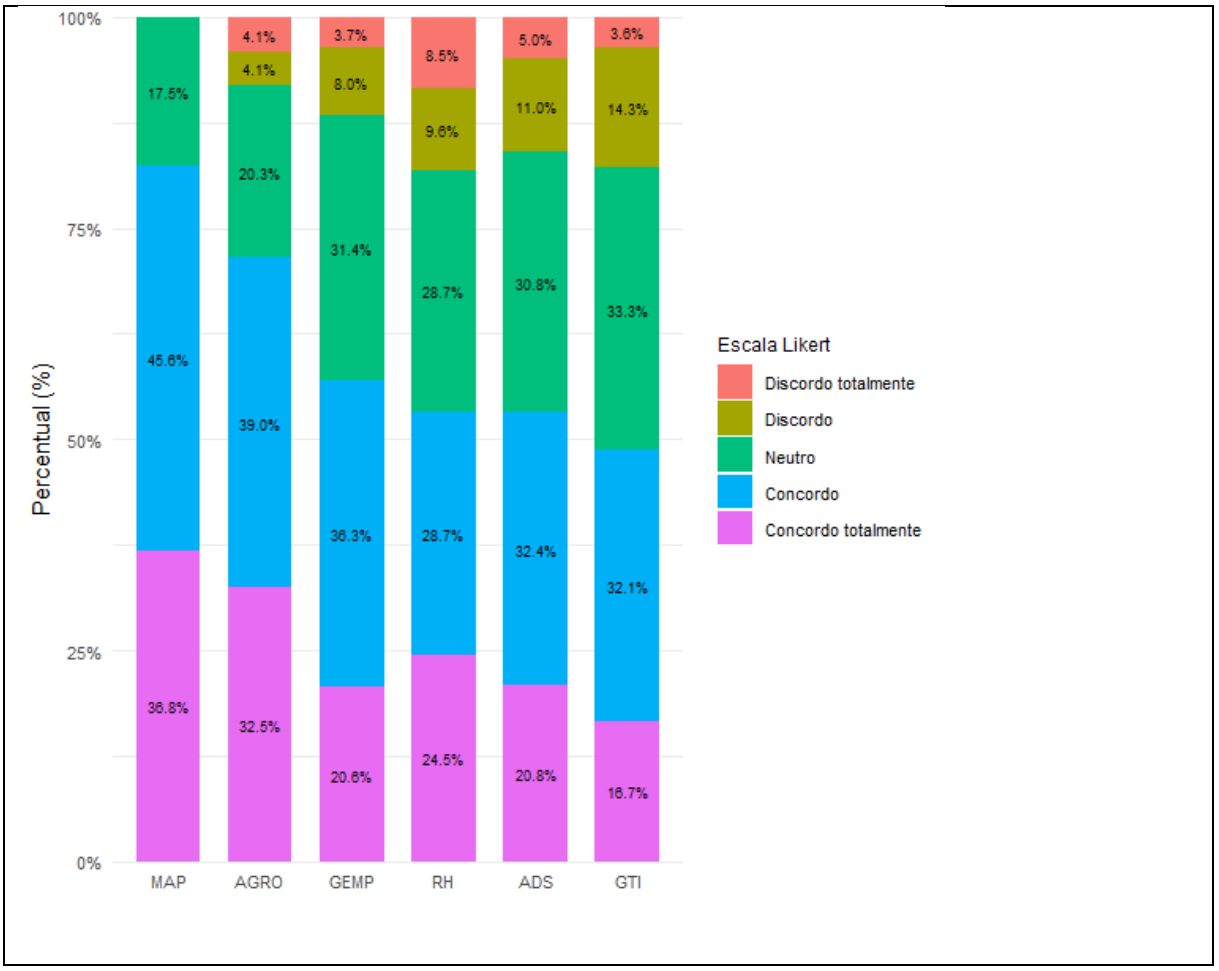

Figura 3: Resultados da variável: “Eu me vejo como alguém confiante e autodisciplinado”
Fonte: autoria própria

Tabela 3: Comparação entre cursos pelo teste de Dunn

Comparação entre cursos	Z	p-valor
'Gestao da Tecnologia da Informacao' - 'Mecanizacao de Agricultura de Precisao'	-4,24	0,002
'Gestao Empresarial' - 'Mecanizacao de Agricultura de Precisao'	-3,916	0,007
'Gestao de Recursos Humanos' - 'Mecanizacao de Agricultura de Precisao'	-3,633	0,022
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - Agronegocio	-4,003	0,005
'Gestao da Tecnologia da Informacao' - Agronegocio	-3,472	0,04

Os resultados do teste de Dunn indicam que os estudantes do curso de Mecanização de Agricultura de Precisão (MAP) apresentam níveis significativamente mais elevados de autoconfiança e autodisciplina quando comparados aos cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS), Gestão da Tecnologia da Informação (GTI), Gestão Empresarial (GEMP) e Gestão de Recursos Humanos (RH). Percebe-se também que os estudantes de Agronegócio (AGRO) também apresentam níveis superiores quando comparados aos cursos de ADS e GTI. Não foram observadas diferenças estatisticamente

significativas entre os cursos intermediários, sugerindo a formação de grupos distintos quanto à percepção de características comportamentais empreendedoras.

No gráfico abaixo, observa-se as diferenças significativas sobre a variável: Eu me considero empreendedor

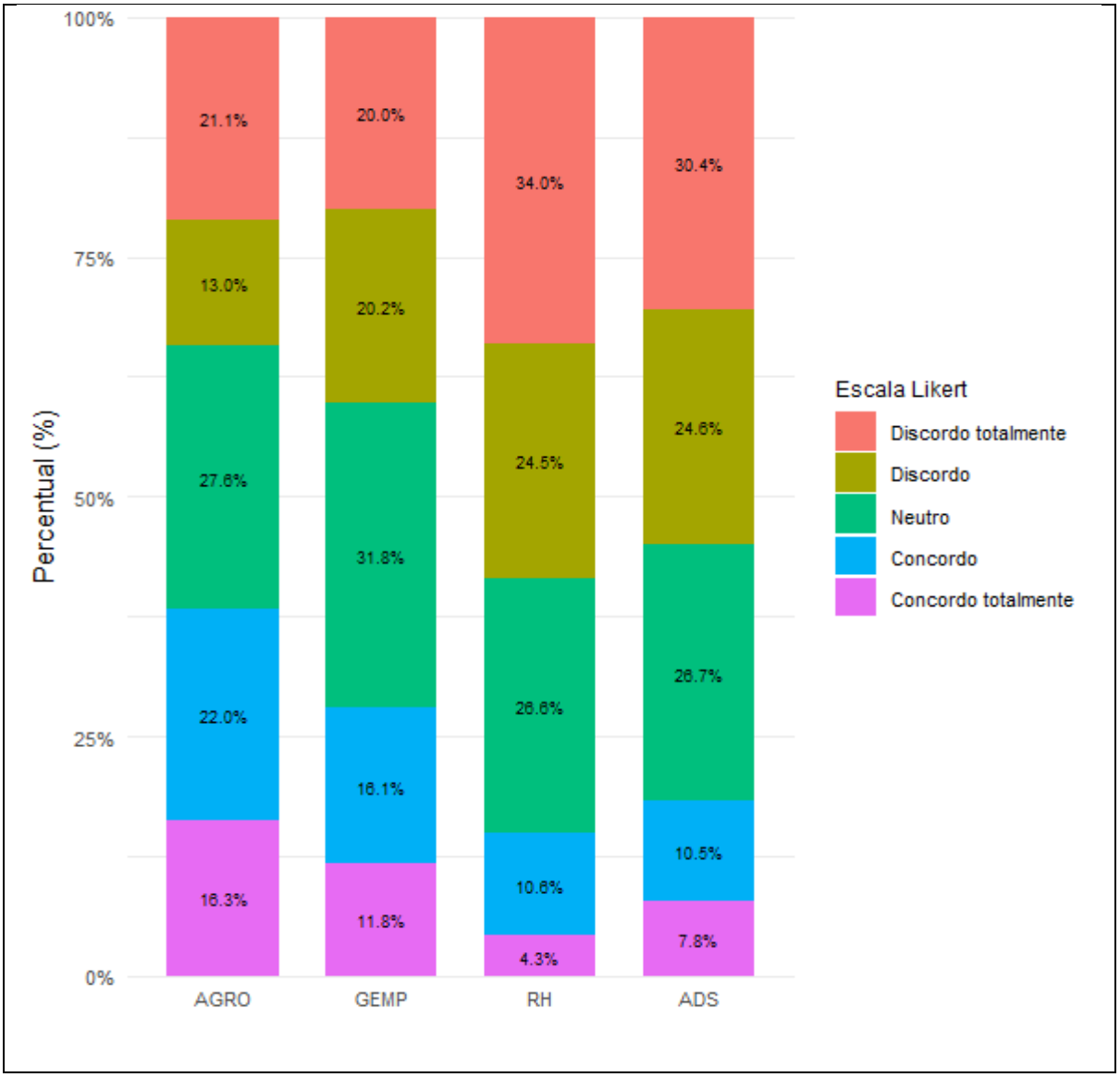

Figura 4: Diferença entre os cursos sobre a Variável Eu me considero empreendedor

Fonte: autoria própria

Tabela 4: Resultado da diferença entre os cursos pelo teste de Dunn

Comparação entre cursos	Z	p-valor
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Gestao Empresarial'	-5,378	<0,001
'Gestao Empresarial' - 'Gestao de Recursos Humanos'	3,703	0,017
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - Agronegocio	-4,712	<0,001
'Gestao de Recursos Humanos' - Agronegocio	-4,094	0,003

Os resultados do teste de Dunn indicam que os estudantes do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) apresentam níveis significativamente mais baixos de autopercepção empreendedora quando comparados aos cursos de Gestão Empresarial (GEMP) e Agronegócio (AGRO). Percebe-se também que os estudantes de Gestão Empresarial apresentam níveis superiores aos de Gestão de Recursos Humanos (RH), enquanto os estudantes de Agronegócio apresentam níveis superiores aos de RH. Esses resultados sugerem a existência de diferenças relevantes entre os cursos quanto à autopercepção empreendedora, com destaque para níveis mais elevados nos cursos de Agronegócio e Gestão Empresarial.

O gráfico abaixo mostra que a variável : 'Quando o ambiente empresarial muda acredito que posso me adaptar' é mostrado na figura 5:

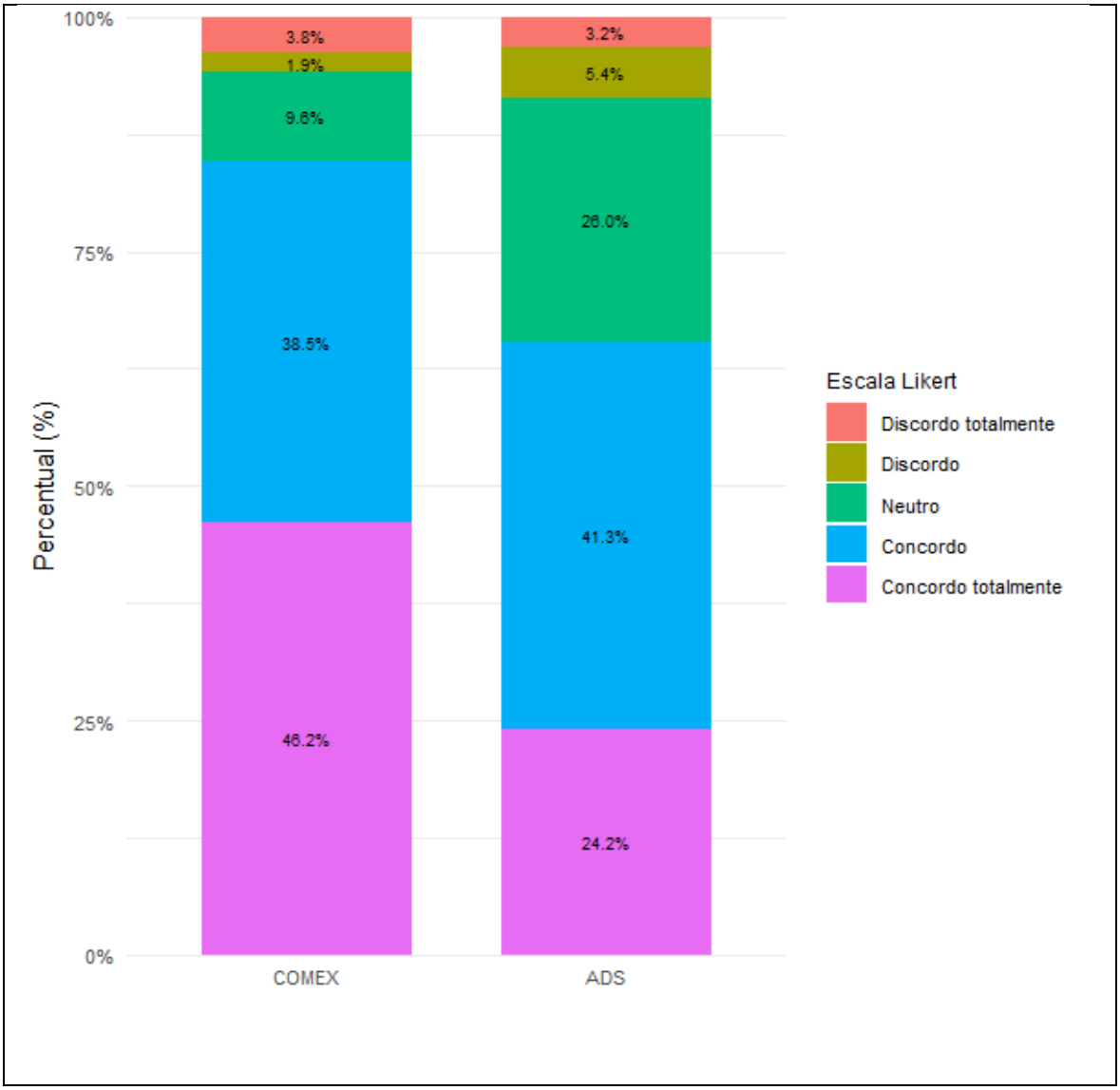

Figura 5: Diferença significativa entre 'Quando o ambiente empresarial muda acredito que posso me adaptar'

Fonte: Autoria própria

Os resultados do teste de Dunn indicam a existência de diferença estatisticamente significativa entre os estudantes dos cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) e Comércio Exterior, no que se refere à percepção de capacidade de adaptação a mudanças no ambiente empresarial (Z = -3,58; p = 0,027). Especificamente, os estudantes de Comércio Exterior apresentam níveis mais elevados de concordância com a afirmação quando comparados aos estudantes de ADS.

A seguir, são apresentados os resultados das concordâncias e discordâncias da variável: A 'Começar um negócio e manter funcionando seria fácil para mim'

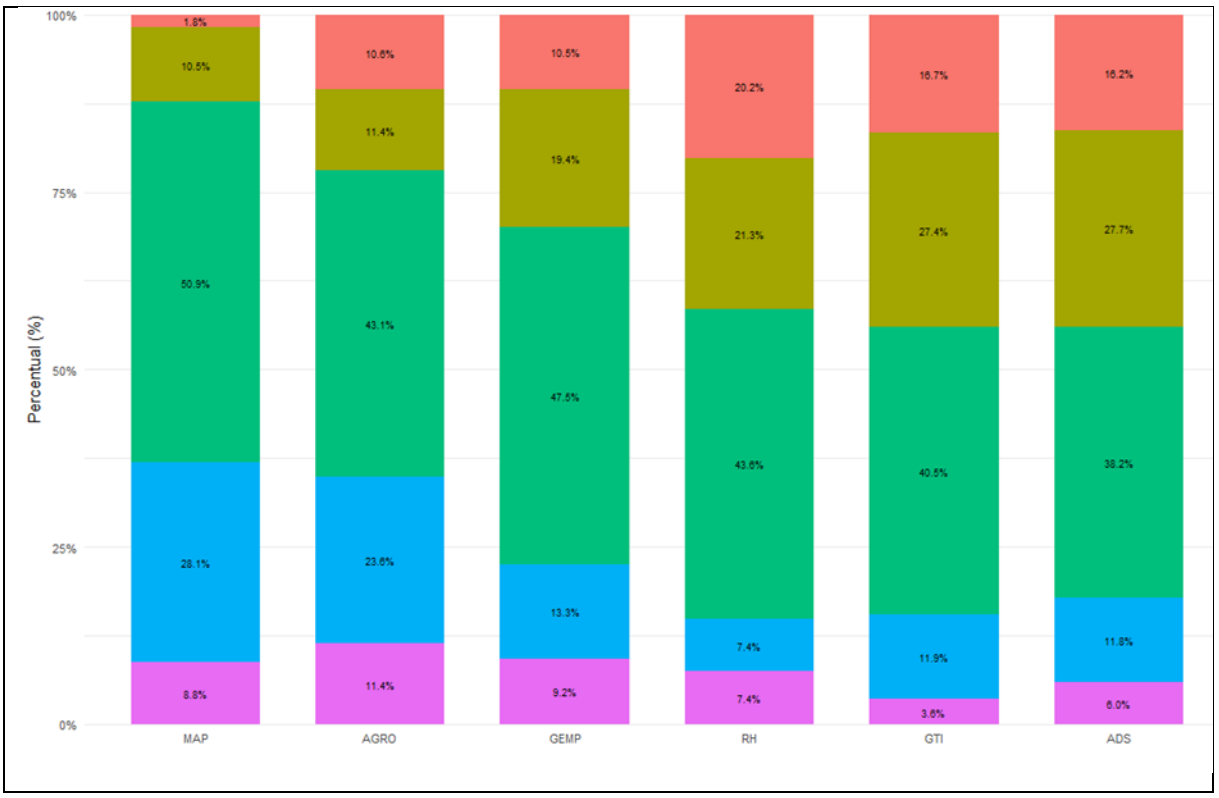

Figura 6: 'Começar um negócio e manter funcionando seria fácil para mim'

Fonte: Autoria própria

Tabela 5: Diferenças significativas entre os cursos da variável: 'Começar um negócio e manter funcionando seria fácil para mim'

Comparação entre os cursos	Z	p-valor
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Gestão Empresarial'	-4,519	<0,001
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Mecanização de Agricultura de Precisão'	-4,899	<0,001
'Gestão da Tecnologia da Informação' - 'Mecanização de Agricultura de Precisão'	-4,128	0,003
'Gestão de Recursos Humanos' - 'Mecanização de Agricultura de Precisão'	-4,126	0,003
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - Agronegócio	-5,065	<0,001
'Gestão da Tecnologia da Informacao' - Agronegócio	-3,728	0,015
'Gestão de Recursos Humanos' - Agronegócio	-3,736	0,015

Os resultados do teste de Dunn indicam diferenças estatisticamente significativas entre os cursos no que se refere à percepção de autoeficácia empreendedora, especificamente quanto à crença de que iniciar e manter um negócio seria uma tarefa fácil. Observa-se que os estudantes dos cursos de Mecanização de Agricultura de Precisão (MAP) e Agronegócio (AGRO) apresentam níveis significativamente mais elevados dessa percepção quando comparados aos cursos de Gestão da Tecnologia da Informação (GTI) e Gestão de Recursos Humanos (RH).

Os estudantes do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) apresentam níveis significativamente mais baixos quando comparados aos cursos de Gestão Empresarial (GEMP), MAP e AGRO. Por sua vez, os estudantes de Gestão Empresarial apresentam níveis superiores aos de ADS, posicionando-se em um nível intermediário.

Esses resultados evidenciam a existência de diferenças relevantes entre as áreas de formação, com destaque para níveis mais elevados de autoeficácia empreendedora nos cursos mais diretamente ligados ao setor produtivo.

A próxima variável: estudada foi “Reconheço as oportunidades empreendedoras” e seus resultados são mostrados abaixo na figura 7:

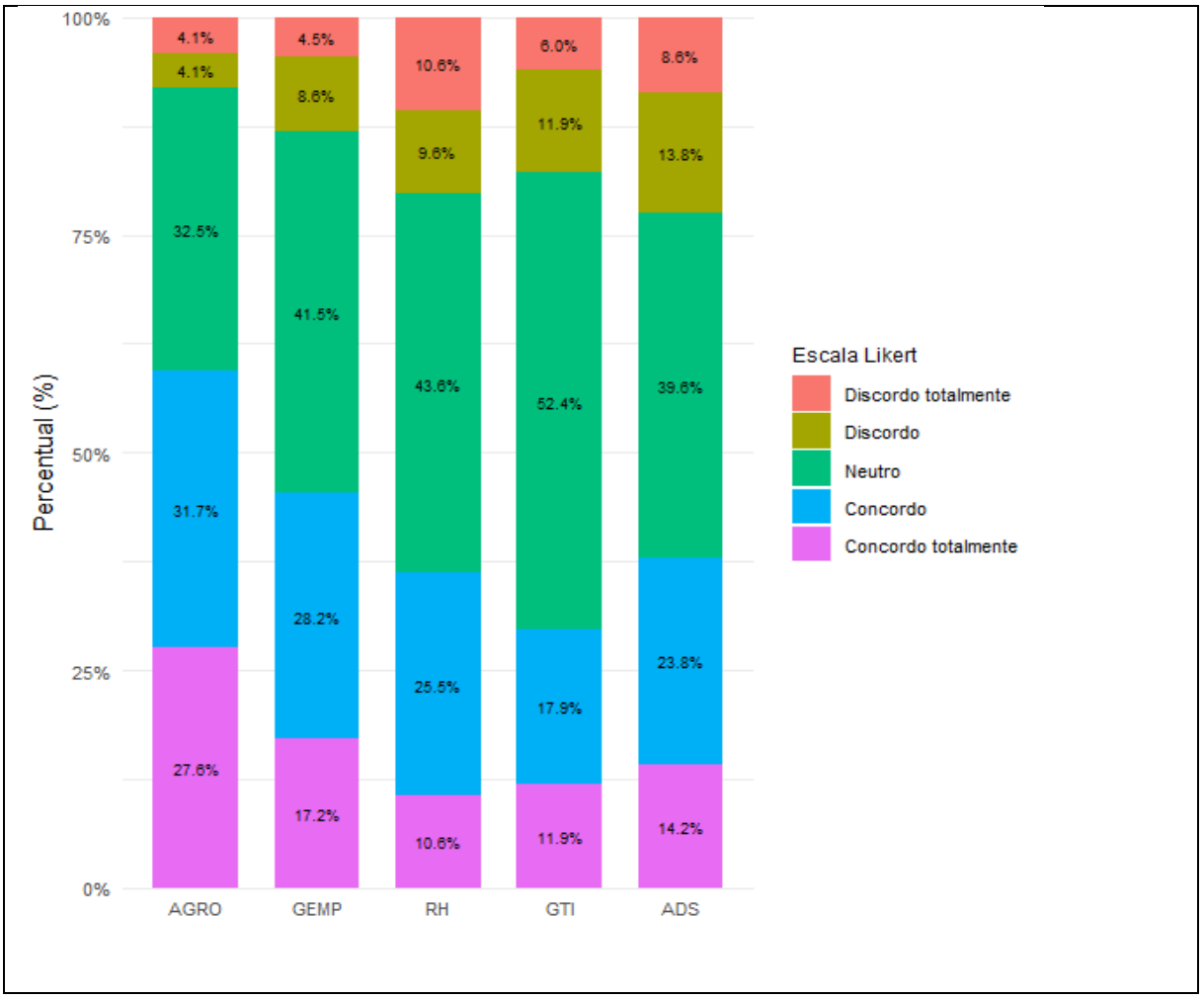

Figura 7: “Reconheço as oportunidades empreendedoras”
Fonte: Autoria própria

Tabela 6: : Diferenças significativas entre os cursos da variável Reconheço as oportunidades empreendedoras”

Comparação entre os cursos	Z	p-valor
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - 'Gestao Empresarial'	-3,561	0,029
'Analise e Desenvolvimento de Sistemas' - Agronegocio	-5,183	<0,001
'Gestao da Tecnologia da Informacao' - Agronegocio	-4,018	0,005
'Gestao de Recursos Humanos' - Agronegocio	-3,934	0,007

Os resultados do teste de Dunn indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os cursos no que se refere à variável analisada. Observa-se que os estudantes do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) apresentam níveis significativamente mais baixos quando comparados aos cursos de Gestão Empresarial (GEMP) e Agronegócio (AGRO).

Os estudantes do curso de Agronegócio apresentam níveis significativamente mais elevados quando comparados aos cursos de Gestão da Tecnologia da Informação (GTI) e Gestão de Recursos Humanos (RH).

Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os demais cursos, sugerindo a formação de grupos com níveis semelhantes de percepção entre parte dos cursos analisados.

4.2. DISCUSSÃO

A análise realizada demonstrou que as diferenças entre os cursos não ocorreram de maneira generalizada em todas as variáveis investigadas. Embora diferentes dimensões relacionadas ao empreendedorismo, às características comportamentais, ao contexto educacional e à inserção profissional tenham sido consideradas, apenas parte delas apresentou diferenças estatisticamente significativas.

Entre as variáveis nas quais foram identificadas diferenças entre os cursos destacaram-se aspectos relacionados à autoeficácia empreendedora, autoconfiança, reconhecimento de oportunidades e intenção empreendedora. Esses resultados sugerem que estudantes pertencentes a diferentes áreas de formação podem apresentar percepções distintas sobre sua capacidade de desenvolver atividades empreendedoras.

As diferenças observadas na autoeficácia e na autoconfiança são particularmente relevantes, pois essas características estão relacionadas à percepção que o indivíduo possui acerca de sua própria capacidade para enfrentar desafios. O ambiente educacional pode contribuir para esse desenvolvimento por meio de atividades práticas, projetos, experiências de resolução de problemas e situações nas quais o estudante precisa assumir maior autonomia.

Também foram observadas diferenças relacionadas ao reconhecimento de oportunidades, aspecto central para o comportamento empreendedor. Esse resultado permite considerar que determinadas formações podem proporcionar maior contato com situações que estimulam a identificação de problemas, necessidades de mercado ou possibilidades de inovação.

A intenção empreendedora também apresentou diferenças entre os cursos. Esse achado reforça a importância de considerar o contexto educacional na investigação da predisposição dos estudantes para empreender. A exposição a conteúdos e experiências relacionadas ao empreendedorismo pode variar de acordo com o projeto pedagógico, o perfil do curso e a área profissional.

Além das dimensões diretamente relacionadas ao empreendedorismo, foram identificadas diferenças em características associadas à trabalhabilidade e ao desenvolvimento profissional. Entre elas destacaram-se a capacidade de adaptação, rede de relacionamentos, inovação, liderança e pensamento crítico.

A capacidade de adaptação assume crescente importância diante das transformações tecnológicas e organizacionais do mercado de trabalho. Diferenças entre cursos nessa dimensão

podem estar relacionadas às próprias características das áreas profissionais, uma vez que determinados setores apresentam maior velocidade de transformação ou exigem respostas frequentes a novos problemas.

A rede de relacionamentos também apresentou comportamento distinto entre os cursos. A construção de relações profissionais constitui recurso importante para o acesso a informações, oportunidades e experiências, podendo favorecer tanto trajetórias empreendedoras quanto outras formas de inserção profissional.

Da mesma maneira, inovação, liderança e pensamento crítico representam competências relevantes em diferentes contextos profissionais. O fato de apresentarem diferenças entre os cursos reforça a possibilidade de que experiências educacionais específicas estejam associadas ao desenvolvimento ou à percepção dessas competências.

Os resultados também apontaram diferenças quanto à percepção de dificuldades financeiras, à inserção profissional e à contribuição do curso para a formação crítica. Esses aspectos demonstram que as diferenças encontradas não se restringem às características comportamentais, alcançando também as condições e percepções relacionadas à trajetória acadêmica e profissional dos estudantes.

Em conjunto, os achados indicam que a área de formação constitui uma dimensão relevante para compreender as diferenças existentes entre estudantes do ensino superior tecnológico. Entretanto, tais resultados devem ser interpretados como associações entre os cursos e as variáveis investigadas, não permitindo estabelecer relações causais entre a formação cursada e o desenvolvimento das características analisadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar diferenças entre cursos do ensino superior quanto a variáveis relacionadas ao desenvolvimento das intenções empreendedoras e à trabalhabilidade dos estudantes.

A análise de 1.866 estudantes do ensino superior tecnológico, realizada por meio dos testes não paramétricos de Kruskal-Wallis e Dunn com correção de Bonferroni, demonstrou que as diferenças entre cursos se concentram em determinadas dimensões.

Entre as variáveis que apresentaram diferenças estatisticamente significativas destacaram-se autoeficácia empreendedora, autoconfiança, reconhecimento de oportunidades, intenção empreendedora, percepção de dificuldades financeiras, capacidade de adaptação, rede de relacionamentos, inovação, liderança, pensamento crítico, percepção de inserção profissional e contribuição do curso para a formação crítica.

Os resultados sugerem que a área de formação está associada a diferentes percepções e características relacionadas tanto ao empreendedorismo quanto à trabalhabilidade. Esse achado reforça a importância de considerar as especificidades dos cursos quando se analisam competências e expectativas profissionais de estudantes do ensino superior tecnológico.

Do ponto de vista institucional, os resultados podem contribuir para a identificação de dimensões que necessitam ser fortalecidas em diferentes cursos. Estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento da autoconfiança, reconhecimento de oportunidades, inovação, liderança, pensamento crítico, capacidade de adaptação e construção de redes podem ampliar a preparação dos estudantes para diferentes possibilidades de atuação profissional.

Como limitação, destaca-se a utilização de amostragem não probabilística por conveniência, o que restringe a generalização dos resultados. Além disso, o caráter transversal da pesquisa permite identificar diferenças entre os grupos, mas não possibilita estabelecer relações causais entre a formação acadêmica e as características observadas.

Pesquisas futuras poderão aprofundar a análise por meio de estudos longitudinais, acompanhando os estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica, bem como investigar a influência de componentes curriculares, experiências profissionais, atividades de educação empreendedora e características específicas dos diferentes cursos.

REFERÊNCIAS

AJZEN, I. The theory of planned behavior. ***Organizational Behavior and Human Decision Processes***, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

BAE, T. J.; QIAN, S.; MIAO, C.; FIET, J. O. **The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review**. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 38, n. 2, p. 217-254, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021.

DUNN, O. J. **Multiple comparisons using rank sums. *Technometrics*,** v. 6, n. 3, p. 241-252, 1964.

FUGATE, M.; KINICKI, A. J.; ASHFORTH, B. E**. Employability: a psycho-social construct, its dimensions, and applications**. *Journal of Vocational Behavior*, v. 65, n. 1, p. 14-38, 2004.

HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

KRUSKAL, W. H.; WALLIS, W. A. **Use of ranks in one-criterion variance analysis.** *Journal of the American Statistical Association*, v. 47, n. 260, p. 583-621, 1952.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. W. **Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions.** *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 33, n. 3, p. 593-617, 2009.

NABI, G.; LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A.; KRUEGER, N.; WALMSLEY, A. **The impact of entrepreneurship education in higher education: a systematic review and research agenda**. *Academy of Management Learning & Education*, v. 16, n. 2, p. 277-299, 2017.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. **The promise of entrepreneurship as a field of research**. *Academy of Management Review*, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

VAN DER HEIJDE, C. M.; VAN DER HEIJDEN, B. I. J. M. **A competence-based and multidimensional operationalization and measurement of employability**. *Human Resource Management*, v. 45, n. 3, p. 449-476, 2006.

ZHAO, H.; SEIBERT, S. E.; HILLS, G. E**. The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions.** *Journal of Applied Psychology*, v. 90, n. 6, p. 1265-1272, 2005.